

Byung-Chul Han. Ensaísta feroz



21 Abril 2018 ©

A A

Agudos, profundos e com uma ponte de arrogância, ensaios de filósofo coreano fornecem chaves para compreender o nosso tempo.

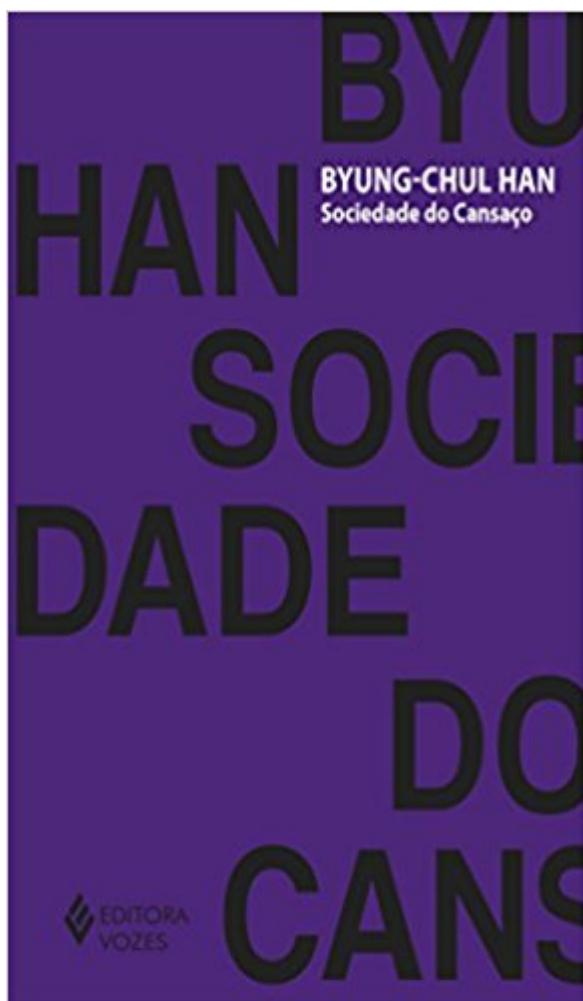
O comentário é de [Paula Sibilía](#), publicado por **Revista Quatro cinco um**, nº. 10, abril de 2018.

Paula Sibilía é antropóloga, ensaísta e pesquisadora argentina residente no Rio de Janeiro, dedica-se ao estudo de diversos temas culturais contemporâneos sob a perspectiva genealógica, contemplando particularmente as relações entre corpos, subjetividades, tecnologias e manifestações midiáticas ou artísticas. Também é mestre em Comunicação (UFF), doutora em Saúde Coletiva (IMS-UERJ) e em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ), e professora na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Eis o artigo.

Agudo decifrador das calamidades do presente, [Byung-Chul Han](#) é também, ele próprio, um fenômeno de nossa época. O autor dos dois livros aqui resenhados não se parece com o clássico intelectual europeu, tampouco com o acadêmico que profere seus saberes desde o púlpito de uma renomada universidade estadunidense. A sua peculiaridade, contudo, não se restringe ao exotismo de ser asiático e ter um nome impronunciável para boa parte dos ocidentais, mas se concentra sobretudo no seu estilo inconfundível e – em vários sentidos – absolutamente contemporâneo.

Nascido em **Seul**, em 1959, **Han** tinha pouco mais de vinte anos e estudava metalurgia quando resolveu emigrar para a **Alemanha**, onde se doutorou em 1994 com uma tese sobre [Heidegger](#). Em seguida, fez uma carreira meteórica, passando pelas universidades de Base) e **Karlsruhe**, até que, em 2012, se estabeleceu como professor em **Berlim**. Desde então, assinou quase duas dezenas de livros, muitos dos quais tiveram enorme sucesso e chamaram a atenção de editoras do mundo inteiro, o que resultou em traduções para múltiplas línguas e uma inusitada repercussão global.



Byung-Chul Han. **A Sociedade do cansaço.**

Tradução de Enio Paulo Giachini

Vozes • 136 pp • R\$ 24

A grande guinada aconteceu com [A sociedade do cansaço](#), de 2010, um dos títulos agora publicados em português, assim como **A sociedade da transparência**, cuja edição original data de 2012. Outros ensaios lançados por **Han** nos últimos anos foram **Topologia da violência** (2011), **No enxame: reflexões sobre o digital** (2013), **A agonia de Eros** (2014), **Psicopolítica** (2014), **A salvação do belo** (2015) e **A expulsão do diferente** (2016).

São muitas as características comuns a todas essas obras, a começar pela temática: o foco sempre recai sobre certas mazelas demasiadamente contemporâneas. Por exemplo, o fastio do burburinho nas **redes sociais**; a [ilusão de autonomia profissional](#) confundida com uma "autoexploração"

cada vez mais depressiva pelo bom desempenho; a falta de tempo para a contemplação e a reflexão na **correria consumista**; a dificuldade para se relacionar com os outros numa sociedade marcada pelo **narcisismo**.

Violência da positividade

"Vivemos numa época pobre de negatividade", eis um dos principais argumentos de **A sociedade do cansaço**. Isso não teria impedido, porém, o desenvolvimento de formas peculiares de **violência**, mais sutis e invisíveis, próprias de "uma sociedade permissiva e pacificada". Assim, contrariamente ao que ocorria algum tempo atrás, essa violência e a positividade que hoje impera "não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva". Sob lemas como o famoso "Yes, we can", ao qual poderíamos acrescentar outros como "just do it" ou "porque eu mereço", **Byung-Chul Han** parece acertar em cheio: "No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação".

Todo esse estímulo positivo, porém, cansa: "A sociedade do desempenho produz depressivos e fracassados". O paradoxo é complicado, pois, ao acreditarmos que nos libertamos de todas as opressões que vinham de fora, vemo-nos enredados em coações autodestrutivas que são altamente eficientes, entre outros motivos "porque a vítima dessa violência imagina ser alguém livre".



Já em **A sociedade da transparência**, o autor arremete contra a [mania de exposição](#) que hoje também abunda, e que estaria igualmente afiliada a essa tola positividade sem sombras nem relevos. "Tudo deve tornar-se visível; imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade", constata. Quando a informação e a comunicação penetram por toda parte, sem deixar margem alguma ao mistério, destrói-se algo primordial para os relacionamentos humanos: a confiança. "A intensa exigência por transparência aponta precisamente para o fato de que o **fundamento**



Byung-Chul Han. A Sociedade da transparência.

Tradução de Enio Paulo Giachini

Vozes • 120 pp • R\$ 20

moral da sociedade se tornou frágil", após o declínio de valores outrora bastante prezados como a honestidade e a sinceridade. Assim,

vivemos numa "sociedade da desconfiança e ela suspeita que, em virtude do desaparecimento da confiança, agarra-se ao controle".

Sem desconhecer a sagacidade nem a ousadia que emanam desses oportunos lampejos, também é necessário admitir que **Han** está longe de ser o único ensaísta a oferecer uma visão descarnada e lúcida dos modos de vida mais habituais na atualidade. Inúmeros autores vêm se dedicando, há décadas, a estudar esses assuntos; alguns dos quais inclusive comparecem – de modo explícito ou implícito – nos textos de **Han**. Por isso, a chave de seu atípico sucesso provavelmente reside em outra parte: no formato em que ele se expressa, que sem dúvida é singular e vale a pena esmiuçar.

Todos os seus livros são pequenos e breves: poucas páginas, num tamanho que cabe no bolso – tanto por sua leveza como por seu preço – e uma apresentação gráfica convidativa, com letras grandes e reconfortantes espaços em branco. Os títulos seduzem pela contundência, são chamativos e eficazes por prometerem algo que de fato não escamoteiam: a tentação irresistível de um diagnóstico rápido e preciso sobre a confusa **complexidade do mundo atual**.

Pontilhadas por vários subtítulos igualmente atraentes, as páginas fluem disparando frases ágeis e incisivas, por vezes extremamente assertivas, que parecem surgir do papel como rajadas de uma metralhadora.

A escrita de **Byung-Chul Han** não é particularmente bela, elaborada ou vigorosa. Sem se preocupar com as firulas da graça literária nem com a originalidade de uma voz própria no sentido estético, ele prioriza o impacto das agulhas que são expelidas uma após a outra, misturando alusões que remetem às vivências cotidianas com citações de prestigiados filósofos, artistas e cientistas sociais. Assim, fica sempre esboçada uma certa verdade sem fissuras ou atenuantes, que, embora costume ser terrível, não deixa de produzir um efeito "tranquilizador" no leitor ao providenciar uma compreensão total do quadro sob análise.

Ferocidade crítica

Nesse sentido, cabe destacar a sua afinidade não só teórica mas também estilística com [Jean Baudrillard](#), o ensaísta francês que brilhou nos anos 80 e 90 com vários best sellers sobre as transformações históricas que estiveram

com vários *best-sellers* sobre as transformações históricas que estavam ocorrendo naquela época. De fato, ele é um dos autores mais citados por **Han**, e também um dos que mais se salvam de sua ferocidade crítica.

Porque uma das marcas do ensaísta coreano é, precisamente, a curiosa relação que ele tece com seus interlocutores ou referentes bibliográficos. Em muitos casos, talvez em virtude da celeridade do seu pensamento, conceitos alheios são mobilizados sem dar o devido crédito a seus autores; em várias ocasiões, porém, esse reconhecimento só se efetua para apontar os "erros" ou a insuficiência do trabalho dos outros; lacunas que ele, a seguir, se ocupa de ressarcir.

[Giorgio Agamben](#), **Alain Ehrenberg**, [Roberto Esposito](#), [Richard Sennett](#) e até [Hannah Arendt](#) e [Michel Foucault](#), por exemplo, são acusados de serem "pouco convincentes" em algum ponto, de "não se darem conta" ou "não conseguirem captar" alguma coisa, de "tirarem conclusões equivocadas" ou terem "passado por alto" algo fundamental. Em seguida, ele se encarrega de "corrigir" esses deslizes. Assim, em vez de festejar a gloriosa possibilidade de pensar junto, agradecendo com generosidade e elegância as trocas polifônicas que sempre subjazem nessa atividade, aqui comparece um certo *páthos* competitivo e narcísico, que também não deixa de ser extremamente atual.

Poderia se tratar de um detalhe menor, que revela uma arrogância mal contida ou uma mesquinha gulosa sem maior importância, mas o problema é que muitas dessas acusações são injustas. Conta-se, portanto, com o desconhecimento cúmplice ou desatento do leitor, que não recorrerá às fontes para conferir essas supostas falhas dos autores alvejados e, na pressa, irá endossar as teses de quem cantou por último e supostamente melhor – ou gritando mais alto. Uma aposta que também parece mais alinhada com a dinâmica hoje triunfante das **redes sociais**, com seus códigos emprestados do **espetáculo midiático** e do **mercado**, do que com os velhos rituais da "cidade letrada".

O caso mais impressionante é o de [Gilles Deleuze](#). Evidentemente, **Han** se apropria do conceito de "[sociedade de controle](#)" cunhado pelo filósofo francês em 1990, a ponto de usar essa expressão como título para o último dos nove capítulos de seu livro **A sociedade da transparência**. Contudo, não há menção alguma a esse trabalho ao longo dos dois livros aqui resenhados. A única ocasião em que o nome de **Deleuze** aparece referenciado é num rodapé do sexto capítulo de **A sociedade do cansaço**, dedicado ao **Caso Bartleby**, para ilustrar o que ele considera com desdém "uma das diversas Interpretações

metafísicas ou tecnológicas” do célebre relato de **Melville**.

Quanto às contribuições do filósofo para as suas próprias teorias sobre a **sociedade contemporânea**, que são óbvias e sem dúvida muito fecundas, ele as despacha nas páginas iniciais desse mesmo livro com duas enigmáticas sentenças e sem sequer nomear o autor. "Também aquele conceito de '**sociedade de controle**' não dá mais conta de explicar aquela mudança", garante Han, e em seguida proclama o singelo motivo: "Ele contém sempre ainda muita **negatividade**".

A leitura de Han é uma aventura vertiginosa, da qual é possível extrair pistas valiosas para enxergar o presente, apesar do 'excesso de positividade'

 Tweet

Byung-Chul Han já foi apelidado de "filósofo virai", por constituir um fenômeno raro entre os autores desse gênero, comparável, portanto a outros poucos colegas como [Zygmunt Bauman](#) ou [Slavoj Zizek](#). Neste caso, porém, o mote parece ainda mais adequado, talvez por pertencer a uma geração mais recente e, nesse sentido, ter uma sintonia mais afinada com o espírito do século 21. O fato é que tanto a sua figura como a sua obra são sintomáticas do panorama que ele mesmo descreve. Por isso, ao ler seus veredictos sobre as misérias da vida atual, às vezes tem-se a impressão de que o autor está também se referindo a seu próprio modo de pensar e escrever. "A complexidade retarda a **velocidade da comunicação**", assevera em **A sociedade da transparência**; por isso, "a **hipercomunicação** anestésica, para acelerar-se, reduz a complexidade".

Ler os livros de **Han** consiste, portanto, numa aventura vertiginosa, da qual é possível extrair muitas pistas valiosas para enxergar o presente e tentar intervir nele. Se seus textos sofrem do tal "**excesso de positividade**" que ele denuncia com tanto afincado – pois as suas afirmações são tão categóricas que repelem qualquer obstáculo ou vacilação –, isso pode até ser um valor agregado nessa travessia da leitura.

O vazio deixado pelas antigas certezas é, também, uma causa frequente de **sofrimento na contemporaneidade**, e as prateleiras estão cheias de

soluções prontas para preencher essa ausência. Os livros fazem parte desse arsenal, mas eles talvez sejam os remédios com efeitos colaterais mais imprevistos e perigosos de que dispomos, sobretudo para aqueles que gostam de sondar entrelinhas.

Leia mais

- [“Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”](#)
- [O império do cansaço](#)
- [Coreias. Do tecnocapitalismo definitivo ao comunismo dinástico](#)
- [A sociedade do cansaço e do abatimento social](#)
- [A sociedade do cansaço](#)
- ["Alternamos embriaguez eufórica com depressão que arrasa"](#)
- [Medo do outro \(e de si mesmo\). Entrevista com Zygmunt Bauman](#)
- [“Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: o on-line e o off-line”.](#)
[Entrevista com o sociólogo Zygmunt Bauman](#)
- [O fantasma da liberdade em tempos de emoticons. Artigo de Ezio Mauro](#)
- [O narcisismo e a paixão negativa, dominantes no presente, fundamentam o ódio e o terrorismo. Entrevista especial com Sarantis Thanopoulos](#)
- [Privacidade, mercadoria de luxo](#)
- [As mídias digitais provocam também efeitos negativos](#)
- [As redes sociais são o fim da moralidade moderna](#)
- [A morte anunciada \(e nunca ocorrida\) do neoliberalismo. Artigo de Roberto Esposito](#)
- [Facebook, MySpace, Orkut e Twitter. "Só é o que se vê". Entrevista especial com Paula Sibilia](#)
- [Show do eu: a vitrine da própria personalidade. Entrevista especial com Paula Sibilia](#)
- [Uma mutação antropológica. Controle total sobre a natureza e sobre o corpo humano. Entrevista especial com Maria Paula Sibilia](#)
- [A sociedade da decepção, por Gilles Lipovetsky](#)
- ['A utopia foi privatizada', afirmou Zygmunt Bauman em entrevista inédita](#)
- [Zygmunt Bauman: 'Três décadas de orgia consumista resultaram em uma sensação de urgência sem fim'](#)
- [As humanidades na encruzilhada do século 21](#)

🚫 Comunicar erro

NOTÍCIAS RELACIONADAS

Como as redes sociais mudaram a forma de lidar com o luto e a morte

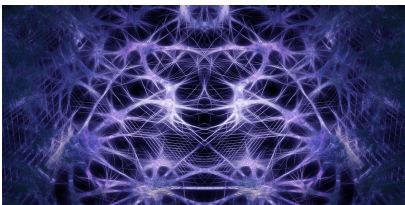
As redes sociais estão modificando as formas de luto e o diálogo sobre a morte no âmbito público. Duas sociólogas da Universi[...]

[LER MAIS](#)



Em busca da Internet perdida

[LER MAIS](#)



Os absurdos do algoritmo que escolhe as notícias do Facebook

[LER MAIS](#)

@Pontifex e os sacros tuítes: As redes sociais digitais segundo Bento XVI

A mensagem de Bento XVI para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais lança os desafios do papa à própria Igreja com rela[...]

[LER MAIS](#)

DEIXE SEU COMENTÁRIO



Enviar 